



RESENHA

BORGES Livia de Oliveira e YAMAMOTO Oswaldo H. **Mundo do trabalho**: construção histórica e desafios contemporâneos. In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. (Org.). *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

Resenhado por: **Luzinete Lara de Souza Almeida; Miriam Pereira de Souza; Sandra de Souza Santos**

No texto de Livia de Oliveira Borges e Oswaldo H. Yamamoto, o mundo do trabalho reflete sobre diversos significados, explorando entendimento sobre o trabalho passando diversas discussões da relação do trabalho e sua importância de entender as formas de conceber o trabalho na formação do psicólogo e para psicologia organizacional, principalmente no percurso histórico pelo mundo do trabalho sob o capitalismo, quando surgiu com a concepção do trabalho na vida das pessoas, no intuito de ganhar a vida, independente do seu conteúdo.

Borges e Yamamoto menciona que o conceito do trabalho passou a ocupar um lugar privilegiado no espaço da reflexão teórica nos dois últimos séculos. Apesar disso, podemos falar de trabalho humano desde os primórdios da humanidade, sendo exemplos, as comunidades de caçadores e coletores 8.000 anos a.C., que essa realidade do trabalho com concepção do capitalismo tradicional, criticando ato mercantil, que a concepção marxista reivindica um trabalho no qual se pudesse produzir a própria condição humana.

Na primeira metade do século XX, os autores mencionam sobre o desenvolvimento do capitalismo na tentativa de construção de um Estado do Bem-estar, por não concretizar plenamente em todo o mundo, mas apenas naqueles países centrais do capitalismo, a concepção implícita de um trabalho atribuído a uma centralidade relativamente menor, enquanto o trabalho passou a ter sua importância derivada da possibilidade de se constituir como meio de garantia de tal consumo. Podendo estabelecer uma troca entre o esvaziamento do conteúdo do trabalho pelas contrapartidas socioeconômicas. Aonde passa a competir às empresas o gerenciamento dessa situação, sob regulação do Estado.



A Terceira Revolução Industrial teve duas formas de trabalho sendo a divergência fundamental a compreensão do trabalho como uma categoria social estruturante ou não e as desigualdades de desenvolvimento no Brasil entre setores econômicos, regiões e organizações favorecem o convívio de várias concepções.

Para Borges (1999) menciona no texto que ambos os periódicos, resquícios da concepção clássica do trabalho, segundo a qual este é necessariamente degradante e pesado. Levantou a hipótese explicativa de que tal característica de nossa cultura do trabalho tem, de um lado, a herança da recenticidade de nossa escravidão e, de outro, as atuais condições conjunturais do mundo do trabalho que subtraem a credibilidade de muitos conseguirem construir um mundo do trabalho melhor.

Compara o destino trágico de Sísifo ao do operário moderno, que trabalha todos os dias de sua vida na mesma empreitada, destino não menos absurdo. Sísifo, “proletário dos deuses” (Camus, 2000, p. 166), é o protótipo do homem revoltado, consciente da extensão da sua miserável condição. Os diversos padrões de acumulação capitalista não devem obscurecer o essencial: a apropriação individual do trabalho social como a marca distintiva da ordem do capital.

Borges e Yamamoto menciona que a história do trabalho é, portanto, também a história da resistência dos homens diante dessas condições impostas para sua reprodução social. A consciência não é, como no mito de Sísifo, individual, mas de classe. Nesses tempos de “desordem do trabalho”, caracterizados pela aludida dificuldade em vislumbrar perspectivas de superação da crise e pela substituição da ética da ação coletiva, que sempre marcou a luta dos trabalhadores, pelas ações individuais, colocam-se em risco conquistas históricas do movimento operário. Como Sísifo, é preciso desafiar os deuses e assumir o controle do destino.

Por fim o texto reflete sobre as tentativas de desconstrução dos argumentos da outra visão sobre o lugar do trabalho são muitas, e as que exemplificamos certamente são suficientes para apontar que existe um debate acalorado entre os adeptos de uma e de outra. As duas visões sintetizadas até aqui são análises possíveis das transformações do mundo do trabalho em um nível macrosocial (socioeconômico). Elas não são abstrações ou especulações, mas assentam-se em evidências que os diversos autores têm organizado sobre o plano macrosocial, partindo, por exemplo, de dados gerais sobre as tendências no mercado



de trabalho, de educação da população, entre outros aspectos. Tais visões seguirão atravessando pesquisas e considerações sobre tópicos mais específicos, seja da psicologia, seja de outras ciências humanas.

Podemos concluir que grande parte do texto detém na história do trabalho a partir do surgimento do capitalismo priorizando aspectos mais relacionados com a realidade em nossos tempos. Desde a Antiguidade o trabalho humano possui divisão entre o trabalho braçal e o intelectual, nessa época quem menos trabalhava era considerado superior. Com o passar do tempo já na Idade Média o ócio passa a ser inimigo da parte espiritual, pois o trabalho é algo que fortalece o espírito. Foi nesse período que começou a surgir alguns princípios do capitalismo. Desde os primórdios da civilização o homem tem uma visão de fascínio pelas máquinas, diante da possibilidade de substituição do trabalho humano para obtenção de uma vida melhor e mais fácil. Com a passagem do trabalho manual para a máquina começa a surgir a mão de obra industrializada e remunerada caracterizando o capitalismo. Processo de transição representado pelas fábricas, através da industrialização própria da Segunda Revolução Industrial caracterizada o surgimento da máquina fatura.

Esse texto trás uma realidade para os psicólogos sobre a construção da história do trabalho e da sua realidade psicossocial, que vale entender nesta passagem do trabalho ainda na mão de obra e depois com as máquinas industrializadas como os trabalhadores reagiu e como o psicólogo deveria agir nesta época. Constatando a complexidade e o dinamismo do que se pensa sobre o trabalho fazendo que identifique as diferentes concepções sobre o trabalho e sua realidade.